



Nome maior da arquitetura mundial, Álvaro Siza Vieira é o autor do edifício da Escola Superior de Educação (ESE/IPS), projeto que ocupa um lugar "cimeiro" no conjunto da sua vasta obra, como já confessou publicamente.

Foi o seu primeiro edifício de natureza escolar, obra desafiante que nasceu do estreito diálogo com uma comissão instaladora "entusiasmada" e que viria a ser reconhecido em 1993, ano da sua inauguração, com o Prémio Nacional de Arquitetura.

É autor de numerosos projetos, a nível nacional e internacional, obras emblemáticas como a Casa de Chá da Boa Nova, em Leça da Palmeira, o Museu de Arte Contemporânea de Serralves ou a Igreja de Marco de Canaveses, e foi o primeiro português a conquistar um Prémio Pritzker (1992), pelo conjunto da sua obra.

O seu nome é, por isso, indissociável da própria história do Politécnico de Setúbal, que lhe atribuiu, em 2022, o título de Professor Honoris Causa.



Na Casa do Guarda, a porta que rasga praticamente a parede está virada a SE.

O corredor a NO é menos iluminado que o corredor a SE - iluminado por uma série de janelas retangulares ritmadamente distribuídas e por ordem crescente (ou decrescente, conforme o ponto de vista)

Noutras direções, a luz é canalizada para o interior refletindo-se nas paredes. É o caso do janelão da biblioteca virado para uma parede.

No anfiteatro uma grande janela/porta lateral ilumina a mesa de conferências, evitando a utilização de holofotes; uma clarabóia muito especial define um cubo para, mais uma vez, a luz ser refletida antes de entrar no interior.

No ginásio a luz entra no teto entrecortado por reentrâncias e saliências.

O átrio é novamente o espaço privilegiado, desta vez, da luminosidade natural. Além da referida parede de vidro a SO, a insólita clarabóia com forma de ovo dirige a luz para o óculo; até lá chegar vai projetando compassadamente no chão e depois na parede figuras geométricas elípticas: aqui está presente o tempo, através do movimento de um pedaço de luz. À noite o efeito é inverso: este ovo é uma mancha negra ao centro de uma laje branca iluminada artificialmente.

De uma longa parede transparente vê-se o bar à esquerda e o centro de recursos à direita: um "comportamento" oposto à luz. O primeiro aberto ao exterior, leve, muito iluminado, o segundo fechado sobre si, pesado, opaco. ⁽⁶⁾

Durante a noite, a luz artificial domina o espaço arquitetónico; o edifício é outro, a beleza observa-se do exterior. O que de dia são planos à noite tomam formas volumétricas.

A ideia fundamental a reter é a de que a escola, longe de ser uma amálgama de estilos, é antes uma **obra criativa**, que surge a partir destes; sendo, portanto, resultante de uma **reflexão** sobre a História da Arquitetura, especialmente portuguesa.

O edifício traduz um ensaio sobre a *complexidade da simplicidade*, expressão várias vezes usada pelo autor: "(...) *aprecio e procuro na arquitetura a clareza, tanto quanto não aprecio o simplismo. Simplicidade e simplismo são coisas sabidamente opostas, assim como unidade e diversidade não o são.*"⁽⁷⁾

Esta obra de arte arquitetónica, cuja análise poética é permitida, faz com que esta seja apenas uma abordagem introdutória ao universo de possíveis leituras que cada fruidor pode ter deste edifício.



NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

⁽¹⁾ Um caso interessante que corrobora a afirmação, é o facto de na altura da instalação do estaleiro de construção civil o empreiteiro ter sido obrigado a utilizar mais do que uma grua devido à proibição expressa de Álvaro Siza em arrancar árvores.

⁽²⁾ A Casa do Guarda é um pequeno edifício que foi pensado para albergar temporariamente professores visitantes.

⁽³⁾ PRÉMIO de Arquitetura nas mãos de Siza Vieira: com a Escola Superior de Educação. "Correio da Manhã" (5 Dez. 1993), p.29

⁽⁴⁾ VIEIRA, Álvaro Siza – Comment Parvenir à la Sérénité In L'Architecture D'Aujourd'Hui. Paris. N 278 (Dez 1991), p. 60

⁽⁵⁾ ⁽⁶⁾ VIEIRA, Álvaro siza - idem, p. 62

⁽⁷⁾ Sobre este aspeto - "Inquirição a um Projecto: ESES" de Madalena Cunha Matos



ENVOLVÊNCIA NATURAL

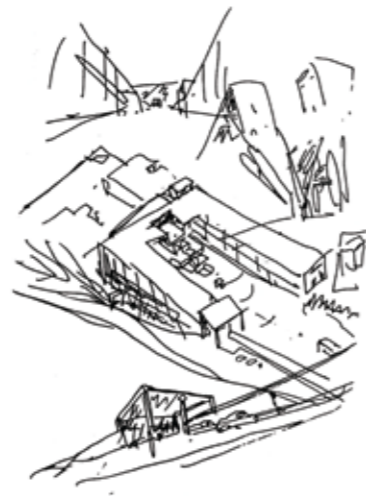
“Na arquitetura de Álvaro Siza nada é ‘natural’ ou ‘evidente’. Cada pormenor chama a atenção para a tortura a que foi necessário submeter o betão de modo a afeiçoá-lo a um objetivo prático. Assim se dá a entender que ‘cumprir uma função’ não é uma questão simples mas o produto de uma escolha complexa.”

TEXTO ANA NOGUEIRA

A Escola Superior de Educação de Setúbal foi construída a partir do natural relevo do terreno, respeitando a natureza logo na fase da sua implantação. Ela surge sem violentar o meio ⁽¹⁾. A estrutura em "U" do edifício define dois pátios exteriores opostos. O espaço natural é envolvido, fazendo parte da arquitetura. O pátio maior, a NE, rodeia um grande e antigo sobreiro, centralizando-o. Aqui, a natureza – simbolizada pelo sobreiro – é **homenageada e venerada**.

Neste pátio, a ordem racional e ritmada dos claustros, com colunas paralelas entre si, coexiste com a "ordem" espontânea da forma do sobreiro – uma presença orgânica, naturalmente torcida e rebuscada.

A apresentação do pátio das amendoeiras a SO (o mais pequeno) é oposta à anterior, na medida em que é totalmente organizada pelo Homem: há uma disposição geometrizada das amendoeiras e uma envolvimento artificial do calcário.



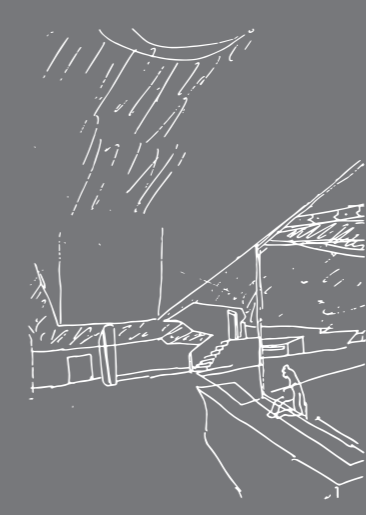
ESPAÇOS, CIRCULAÇÃO E CAMINHOS

A denominação dos espaços, bem como a sua função esteve condicionada ao programa delineado pelo Ministério da Educação. Siza elaborou um projeto único a partir destas premissas oficiais, aplicadas a todas as Escolas Superiores de Educação.

De acordo com o Projeto de Execução inicial, os espaços do edifício foram constituídos por dezanove salas de aula teórico-práticas, três pequenas oficinas, uma sala de música, uma sala de informática, um laboratório, um ginásio, uma sala de drama, um anfiteatro, um centro de recursos educativos, instalações para docentes, administração, direção e associação de estudantes, arquivos, lavabos, bar, um armazém e a Casa do Guarda. ⁽²⁾

Os espaços com áreas mais pequenas estão distribuídos ao longo da estrutura "U", anexando a esta os de maior dimensão: a Sala de Drama, o Ginásio e o Anfiteatro a NO; o Bar a S; o Centro de Recursos a O. Libertá-los da "rígida" estrutura em "U", possibilitou a manipulação volumétrica destes setores.

Há dois aspetos paradigmáticos na arquitetura da escola: a grande comunicabilidade a vários níveis e a variedade de zonas de convívio social.



“O que me surpreendeu foi a distância existente entre as formas arquitetónicas e aquilo que é sempre a banalidade do preenchimento de uma função” ⁽³⁾

A ligação entre os espaços, o seu acesso facilitado, a possibilidade de visualizar dentro e fora o edifício e em vários pontos de vista, dá ao conceito de comunicabilidade a sua expressão máxima – uma extrema permeabilidade desta construção arquitetónica.

As zonas de convívio vivem desta variedade de espaços. Desde os dois pátios, ao bar; o átrio, onde as pessoas convergem, cruzam-se e estabelecem pequenos diálogos, comunicam pelo óculo; espaços mais pequenos no piso superior; as varandas, o pátio... lugares para grandes e pequenos grupos que o edifício oferece, mas não impõe. Resultado de uma reflexão sobre a dinâmica social de uma organização como a escola, Siza planeia para a diversidade de relações sociais, muitas vezes exteriores à sala de aula: *“Muito do que se recebe numa escola não tem a ver com as aulas, tem a ver com o convívio, (...) um edifício deve estar preparado para não dificultar, antes favorecer essas relações complicadas.” ⁽⁴⁾*

LUZ

Analisar a luminosidade da escola passa, numa primeira fase, por abordar a sua cor. Siza confessa ter uma certa dificuldade em manipular as cores ⁽⁵⁾ e este problema surgiu aquando da seleção dos materiais a utilizar.

No plano bidimensional, imagine-se este conjunto arquitetónico como se fosse uma pintura: a pedra e o betão pintado dão ao edifício cor branca. A envolvimento natural preenche quase totalmente de verde o que resta deste "quadro pictórico". E é o vermelho-carmim do túnel de entrada que dinamiza a pintura.



Noutra perspetiva, e quanto ao comportamento da luz natural no espaço arquitetónico do edifício, Álvaro Siza comenta *“Não sou capaz de separar a luz dos outros materiais da arquitetura.” ⁽⁶⁾* Tal como o betão, a pedra, a madeira; a luz natural também é um material usado na arquitetura.

Uma invariável deste edifício é o facto da luz solar iluminar indiretamente o seu interior. Além da significação estética inerente a este tipo de comportamento da luz no espaço arquitetónico, há uma razão técnica – o facto de Portugal, e especialmente no sul, ter uma luminosidade forte e agressiva.

A começar pela posição da escola, está orientada de forma a não receber diretamente a luz solar: a NE-SO. Desta forma, percebe-se por que razão os espaços mais expostos estão arrumados nesta direção: os janelões/portas das salas de aula distribuídas ao longo do pátio maior, a NE, e as "paredes de vidro" do átrio e do Bar, a SO.